

**LITERATURA DE CORDEL: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA POR MEIO DA ORALIDADE**

Ana Carolina Freitas de Farias (UEMASUL)

[anacff.98@gmail.com](mailto:anacff.98@gmail.com)

Wivyan Carvalho de Souza Alencar (UEMASUL)

[wivyan\\_carvalho@hotmail.com](mailto:wivyan_carvalho@hotmail.com)

Maria da Guia Taveiro Silva (UEMASUL)

[maria.silva@uemasul.edu.br](mailto:maria.silva@uemasul.edu.br)

**RESUMO**

O objetivo deste trabalho é refletir sobre o gênero literário cordel e seu valor pedagógico para o trabalho em sala de aula, no que se refere à valorização da oralidade no processo de ensino da língua portuguesa. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com registro de informações e análise de dados. Para isso, foi desenvolvida atividade de leitura destinada a alunos do 6º ao 9º ano, na disciplina de Língua Portuguesa, em uma escola da rede municipal de Imperatriz-MA. A proposta foi elaborada a partir da obra “Mundo de Mundim” (2013), da escritora maranhense Lília Diniz. A obra foi escolhida por pertencer ao gênero cordel, por possuir um caráter tipicamente regionalista e por conter uma linguagem simples e própria da oralidade, o que proporciona aos alunos o contato tanto com a língua escrita como a falada. Como suporte, foram utilizadas as obras dos seguintes teóricos: Antunes (2017), Evaristo (2011), Marcuschi (2007; 2008; 2010), Rodrigues e Cerutti-Rizzatti (2011) e os PCN (1997). Os resultados obtidos mostram que é possível estudar e ensinar o gênero cordel em sala de aula, de forma que contribua para o ensino-aprendizagem da língua materna, principalmente no que concerne ao uso da oralidade como prática para o aprendizado.

**Palavras-chave:**

Ensino. Escrita. Literatura de Cordel. Oralidade.

**ABSTRACT**

This study aims to reflect on the cordel literary genre and its pedagogical value for the usage in the classroom, regarding the valuation of the orality in the process of teaching portuguese. It consists of a qualitative research and data registration and analysis. For this purpose, reading activities was intended for students from the 6<sup>th</sup> to 9<sup>th</sup> grade of a municipal school in Imperatriz-Ma, during portuguese classes. The proposal is made from “Mundo de Mudim” (2013), by a maranhense writer, Lília Diniz. This work was chosen for being part of the cordel literary genre, for having a typical regionalist literature feature and for its simple language which belongs to orality. It provides for the students the contact with the written and spoken language. As the basis of this research, the following books have been used: Antunes (2017), Evaristo (2011), Marcuschi (2007; 2008; 2010), Rodrigues e Cerutti-Rizzatti (2011) e os PCN (1997). The obtained results show that studying and teaching the cordel literary genre is possible in a way that it contributes to the teaching-learning process of their mother language, specially regarding the orality usage as learning practice.

## **1. Introdução**

No processo de ensino da Língua Portuguesa (LP) deve-se mostrar ao aluno duas modalidades distintas da linguagem, a oralidade e a escrita, visto que estas desempenham um papel fundamental no processo de comunicação entre sujeitos. Seu aprendizado sistematizado se dá, principalmente, na escola, visto que a linguagem oral é adquirida, geralmente, antes de a criança adentrar no meio escolar.

Em se tratando de ensino e, especificamente do de LP nem sempre os objetivos que se propõem no âmbito escolar são alcançados. Objetivos estes estabelecidos pela legislação, como os PCN de LP (BRASIL, 1997), o qual estabelece que ao fim do ciclo básico de ensino o aluno já tenha um domínio da norma padrão da escrita, bem como tenha conhecimento e respeito às variações ocorridas na fala. Ainda assim, em alguns casos, constata-se que o ensino de LP é focado somente no aspecto formal da língua.

No entanto, entende-se que o instrumento que deve ser utilizado para o ensino de LP é o texto, porque ele circula nas diversas esferas da sociedade e nele consegue-se encontrar os elementos estruturais da língua. Pode-se dizer que ensinar e aprender a LP inclui mostrar ao aluno como se comunicar e atribuir significados por meio dos textos. Considerando que o texto pode manifestar-se em forma de escrita ou na oralidade, no ensino de língua proposto pelos PCN (BRASIL, 1997) a escola deve prezar não só pelo ensino de “palavras, mas também os seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas do seu meio social entendem e interpretam a realidade e a si mesmas (p. 24)”.

O entendimento mais amplo do desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem da LP, requer um conhecimento mais específico das teorias linguísticas, como o da Linguística Aplicada, por exemplo. Nesse contexto, um dos pontos destacados é um breve histórico da Linguística Aplicada, que tem como objeto de estudo problemas socialmente relevantes da língua e que produz teorias que auxiliam no processo de ensino e aprendizagem de língua materna.

Desse modo, torna-se indispensável a discussão acerca de gêneros do discurso, proposta por Bakhtin (1979), na percepção das autoras como

Rodrigues e Cerutti-Rizzatti (2011), de que o ensino de LP deve estar embasado nos gêneros, por oferecer aos alunos a possibilidade de compreensão da língua em textos com modalidades diversas para reforçar a compreensão da importância do ato de ler. Além disso, é uma forma de mostrar que os textos são facilitadores no processo de comunicação e interação social.

Diante disso, a escolha do gênero cordel, bem como da obra “Mundo de Mundim” (2013), se deu visando valorizar a oralidade, tendo em vista que essa questão ainda é pouco trabalhada em aulas de LP. Outro fator que influenciou a escolha deste gênero foi por sua estrutura, o cordel possui um ritmo dinâmico que chama a atenção do leitor, propiciando a inserção do aluno ao mundo da literatura.

De acordo com os PCN (BRASIL, 1997), o contato entre o aluno e o texto literário deve ser mediado em um contexto específico, pois o aluno deve encontrar algum sentido no texto que lhes é apresentado. Portanto, o uso do gênero literário cordel para mediar o ensino de LP é de suma importância para a construção do aprendizado dos alunos, no que diz respeito à valorização da língua e da cultura.

## **2. Linguagem, Linguística e gênero textual**

“A linguagem é a casa do ser. É nessa morada que habita o homem” (HEIDEGGER *apud* REALE; ANTISERI, 1991, p. 591). É por meio da linguagem que conseguimos ter consciência de nós mesmos, de pensar sobre o mundo, emocionar, persuadir e de refletir sobre a própria linguagem. A linguagem é indispensável para qualquer sociedade, então, faz-se necessário conhecer mais sobre os estudos da linguagem e os fenômenos linguísticos.

Os estudos sobre os fenômenos linguísticos nasceram na Grécia Antiga, mas é entre os séculos XIX e XX, com as contribuições de Ferdinand Saussure que se estabelece o campo de estudo, denominado Linguística, tendo, inicialmente, apenas viés teórico. Durante a Segunda Guerra Mundial, surgiu a necessidade da expansão dos estudos linguísticos, de maneira prática, dando início à vertente Linguística Aplicada (LA). A LA surgiu visando a criação de uma metodologia eficaz e veloz para o ensino-aprendizagem de idiomas estrangeiros, a fim de que ocorresse comunicação eficiente entre as nações.

Dessa forma, a LA pode ser comumente definida como o estudo

responsável pela solução de problemas de relevância social atribuídos à língua, concentrando-se, para isso, no uso prático que os falantes fazem dela (RODRIGUES; CERUTTI-RIZZATTI, 2011). Sendo este o primeiro empecilho do estabelecimento da LA como ciência, dado que o foco das outras teorias era de cunho formalista, e concentravam-se apenas nas características internas da língua sem se preocupar com o seu uso no cotidiano.

Além disso, a LA competia com outros campos de estudos, e muitas vezes, esses já possuíam certa popularidade, como o defendido pelo estudioso Noam Chomsky – a Teoria do Gerativismo. Outro fator relevante é que a LA não produzia suas próprias teorias, apenas aplicava a produção de outros estudos tornando inviável sua concretização como, de fato, um campo de pesquisa.

No entanto, no final do século XX houve uma mudança significativa nas pesquisas referentes ao fenômeno linguístico. Áreas como: Sociolinguística, Linguística Interacional e Análise do Discurso, surgiram dentro dos estudos linguísticos (RODRIGUES; CERUTTI-RIZZATTI, 2011). Hoje, não é raro encontrar publicações científicas nessas áreas, que optaram por traçar um caminho etnográfico, isto é, o pesquisador insere-se no ambiente pesquisado, favorecendo, dessa maneira, uma melhor compreensão do fenômeno que está estudando.

Nesse contexto, vale ressaltar que uma das tendências da LA é criar interfaces com outras áreas do conhecimento, uma vez que problemas relativos ao ensino de língua podem gerar grandes transtornos. Destarte, o ensino da língua tornou-se uma preocupação inerente a todos os campos de pesquisa, em virtude de a sociedade estar rodeada de informações que necessitam do uso eficiente da língua, seja por meio da fala ou da escrita. Cabendo mencionar que:

A questão é: não se trata de qualquer problema-definido teoricamente mas de problemas com relevância social suficiente para exigirem respostas teóricas que tragam ganhos às práticas sociais e seus participantes, no sentido de uma melhor qualidade de vida, num sentido ecológico (ROJO, 2006, p. 258 *apud* RODRIGUES; CERUTTI-RIZZATTI, 2011)

É diante deste exercício social que a LA se apropria da noção Bakhtiniana acerca dos gêneros do discurso, visto que o processo de comunicação entre sujeitos se dá por meio de “enunciados concretos e singulares” em um contexto específico, mediado pela oralidade ou pela escrita (BAKHTIN, 1979, p. 283 *apud* RODRIGUES; CERUTTI-RIZZATTI, 2011, p. 100). Dessa forma, entende-se que os enunciados exercem uma

função social, e cada função social é estabelecida por um conjunto de regras que devem facilitar o processo de comunicação entre os sujeitos.

A construção dos enunciados, além de gerar o discurso, gera também o texto, que nada mais é do que uma das realizações linguísticas que servem de base para o ensino e aprendizagem de língua. O ensino de gêneros textuais é proposto pelos PCN de LP como forma de “viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los” (BRASIL, 1997, p. 30).

O acesso aos textos em circulação é apresentado ao aluno na forma de gêneros textuais, “pois cada gênero textual tem um propósito bastante claro [...] uma forma e uma função” (MARCUSCHI, 2008, p. 150). A compreensão e o domínio destes aspectos são fundamentais para a plena realização comunicativa. É com ela que a escola propõe capacitar o educando, de tal modo que este possa seguramente (re)produzir seu próprio discurso de acordo com a esfera social que estará inserido (BRASIL, 1997, p. 49). Seguindo estes direcionamentos, o professor deve estar sempre atento para a seleção dos gêneros a serem trabalhados com seus alunos.

Uma das funções que o gênero textual possui, e é orientada pelos PCN (BRASIL 1997, p. 41), é o conhecimento e respeito sobre as variedades linguísticas do português, tanto na escrita, quanto na oralidade. Nesse sentido, optou-se por trabalhar com o gênero Cordel, que segundo Brandão (2011, p. 120), é “um gênero intermediário entre a oralidade e escrita”. Assim, julga-se ser ele uma fonte de aprimoramento e diversificação de conhecimentos linguísticos.

### **3. Fala e escrita**

A história da humanidade está intrinsecamente ligada à linguagem oral, sendo percebida pela maioria dos seres humanos tão natural quanto a sua própria existência. Afinal, oralidade é o princípio de nossa comunicação, sendo ela a base da manutenção histórica, cultural, social do homem. Diniz (2018) ressalta que,

[...] a transmissão de saberes e conhecimentos milenares que se deram por meio da oralidade, ganha, pois a partir das experiências contadas, do contato olho no olho, do contato entre as pessoas para além da tecnologia, quer seja o livro ou qualquer outra tecnologia de leitura, tem mais gosto, mais sabor, mais cheiro, textura, a fala, o contato do ser humano com outro ser humano através das narrativas enriquece mais ainda, essa constru-

Nesse sentido, fala e escrita não devem ser encaradas como uma dicotomia, mas de forma contínua, tendo em vista que nenhuma é superior à outra, ambas têm papéis de muita importância na sociedade, pois, como afirma Marcuschi “tanto a fala como a escrita seguem o mesmo sistema linguístico. Nesse caso, afirma-se que não há dois sistemas linguísticos diversos numa mesma língua, um para a fala e outro para a escrita” (2007, p. 20, grifos do autor).

Sabe-se, porém, que a escola preza pelo ensino da escrita, por ser muito mais manipulável, enquadrando-se mais facilmente aos padrões gramaticais, apesar de ser mais estável e conservadora, a língua escrita também sofre variações. Um livro, por exemplo, que foi escrito no século XIX, pode não ser compreendido atualmente, logo, certas palavras encontradas ali não são mais usuais, e tal processo como na maioria das vezes, pode ter ocorrido primeiramente na fala se transpondo para a escrita. Tornando-se, portanto, “fundamental considerar que as línguas se fundam em usos e não o contrário” (MARCHUSCHI, 2010, p. 16).

A interferência da escrita na oralidade, por vezes, pode ser questão de atenção, principalmente na fase inicial de alfabetização, uma vez que, o primeiro contato da criança com a língua é de natureza oral. Como ressalta Marcuschi (2007, p. 120), o “homem é definido como um ser que fala e não como um ser que escreve”. Dessa forma, é natural que inferências da oralidade na escrita serão mais recorrentes nesta fase, porquanto, as crianças farão uma associação da fala com a escrita, visto que ainda não possuem uma gama de recursos linguísticos suficientemente ampla, que as permitam fazer as adequações necessárias (BORTONIRICARDO, 2004). Por esse motivo, tais desvios não devem ser igualados a um crime ao qual elas devem ser condenadas, o ideal é que o professor de língua materna esclareça que as variantes devem estar adequadas às modalidades da língua e aos variados gêneros textuais.

#### **4. *Literatura de cordel: o que é?***

A literatura de cordel brasileira teve sua origem no século XIX, na cidade de Recife, com a produção dos paraibanos, Silvino Pirauá de Lima, Leandro Gomes de Barros, Francisco das Chagas Batista e João Mar-

---

<sup>198</sup> Transcrição da entrevista, realizada pelo aplicativo WhatsApp.

tins de Athayde (HAURÉLIO, 2010).

Haurélio (2010) afirma que o Cordel, como conhecido hoje, é a evolução das poesias trovadorescas, que chegaram ao Brasil por meio dos portugueses e ganharam uma nova roupagem no Nordeste brasileiro. Essa evolução é comprovada pela estrutura do próprio Cordel, que é composto de rimas e tem uma musicalidade própria.

Sobre a nomenclatura desta produção literária, Alegri (s/d, p. 15) explica que a atribuição ocorreu por serem folhetos presos por um pequeno cordel ou barbante, em exposição nos lugares onde eram vendidos. Cabe ressaltar que, esse tipo de literatura também marcou a cultura francesa, onde era chamada de *littérature de colportage*. Na Espanha, eram os ‘*pliegos sueltos*’ e em Portugal, ‘*folhas volantes*’.

Alegri (s/d) chama a atenção para a facilidade de a literatura de cordel ter se disseminado no território brasileiro. Igualmente como os travadores declamavam em alto e bom som suas produções, o cordelista narrava partes de suas estrofes em feiras livres e, em alguns casos, havia até desafios de cordelistas. Esses desafios ainda existem, são os chamados Repentes, nos quais os repentistas, com um raciocínio rápido, improvisam estrofes sobre determinado assunto. Como reitera Antunes (2003, p. 104), se trata de elemento de “natureza suprasegmental (como a entonação, as pausas, por exemplo), que em muito contribuem para a construção do sentido e das intenções pretendidas”.

Quanto às temáticas, o Cordel aborda temas diversos indo do amor até a crítica social. Tudo descrito com vocábulo simples e com escrita carregada de traços da oralidade, que tornam o texto mais dinâmico, compreensível e divertido. Entretanto, este não é um gênero muito trabalhado em escolas da rede básica de ensino na zona urbana. A hipótese para que esse gênero não seja trabalhado com frequência nas instituições escolares é por conter fortes traços de oralidade em sua escrita, o que entra em confronto com os métodos de ensino fortemente vinculados à gramática.

## **5. Autora e obra**

A artista maranhense, natural do povoado de Creoli do Bina (Tuntum-MA), é formada em Artes cênicas pela Universidade de Brasília (UnB) e membro da Academia Imperatrizense de Letras. Além de escritora ela é cantora, atriz e educadora.

Diniz irradia irreverência na arte de compor textos, chamando atenção pela sua versatilidade sobre o que escreve e como escreve. A sua escrita tem uma forte ligação com a cultura nordestina, por ressaltar os comportamentos e tradições dos povos do interior do Brasil, além de abordar temas com grande relevância social. A autora tem alguns títulos publicados como: *Babaçu*, *Cedro* e outras poéticas em *Tramas* (2001), *Ao que vai Chegar* (2008), *Miolo de Pote da Cacimba de Beber* (2003), *Sertanejares* (2011), *Mula Sem Cabeça* (2012).

A sua última publicação foi a do livro “Mundo de Mundim” (2013), que provoca uma reflexão sobre o trabalho infantil e a inegável importância do livro na construção dos saberes e desenvolvimento do senso crítico das pessoas. Dessa forma, a narrativa tem como personagem principal um menino chamado Raimundo, mais conhecido como Mundim, que tem apenas dez anos. Ele vive e trabalha em condição de escravo junto com sua família em uma fazenda.

Mundim nunca teve a oportunidade de ir à escola, por isso não sabe ler e desconhece o que seja um livro. Assim, é negado a ele o direito de ser criança e de ter acesso à educação formal na escola. Contudo, Mundim é um garoto muito esperto e tem “sede” pelo saber, por isso quando vê pela primeira vez um livro, sente-se inquieto e decide descobrir o que era o objeto que o filho de seu patrão tinha nas mãos.

O garoto recorre à mãe que, decididamente, não quer revelar o que era e nem para que serve o objeto misterioso, já que o considera “perigoso”. Porém, a insistência de Mundim faz com que sua “mainha” dê nome e características do que pouco sabe a respeito do livro. O que a mãe conseguiu dizer foi o suficiente para que Mundim entendesse que ler e ir à escola são asas que possibilitam o “voo” para a liberdade, seja ela física ou intelectual.

“Mundo de Mundim” (2013) constrói-se de forma lúdica e acessível, acerca de um tema tão complexo e pouco explorado como é o trabalho infantil, sendo, portanto, um ótimo instrumento de entretenimento e, sobretudo de aprendizagem.

## **6. *Por uma pedagogia da oralidade***

Este trabalho é resultado de um projeto desenvolvido em uma Escola Municipal, localizada em Imperatriz-MA. As atividades foram realizadas no período de 18 março a 06 de maio de 2019, tendo em seu final



## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

uma somatória de 60 horas. Além das 02 professoras titulares, ele contou com a participação de 44 alunos do 6º ano, 33 do 7º ano, 35 do 8º ano e 33 do 9º ano. Todas as turmas pertencentes ao turno matutino.

Desse modo, as 10 primeiras horas foram utilizadas para a observação das atividades em aulas de LP. Esse momento possibilitou não só o contato com as turmas, tal como entender o funcionamento das aulas, como dava-se a receptividade dos alunos quanto aos conteúdos estudados, suas dificuldades e habilidades. Então, por meio da observação compreendeu-se que a docência se constrói em torno de um bem coletivo. Dessa forma, o projeto deveria organizar as suas aulas pensando em como os conteúdos poderiam atingir o maior número de alunos, com o propósito de respeitar a individualidade deles. Logo, 20 horas do projeto foram gastas para o planejamento das aulas.

O desenvolvimento da proposta foi dividido em 07 etapas. A primeira consistiu na apresentação do gênero cordel aos alunos, explorando suas características, origem, principais autores. Logo, foi de fundamental importância que os exemplos apresentados contivessem temáticas relevantes para o contexto em que os educandos estavam inseridos, pois leituras distantes e sem contextualização poderiam tornar-se um fardo para eles.

A segunda etapa deu-se pela leitura específica do livro “Mundo de Mundim”, feita de forma silenciosa por cada aluno. Este momento viabilizou o conhecimento da linguagem empregada no cordel, sua estrutura e seu ritmo. A respeito desse último ponto, muitos dos alunos expressaram que as palavras empregadas no livro rimavam entre si tal como uma música.

Ademais perceberam que a musicalidade do gênero contribui para a memorização da história. Bem como pensar na forma como os antepassados, costumadamente, faziam para guardarem e, posteriormente compartilhar informações, e de como a oralidade foi indispensável para tal acontecimento.

Em continuidade, na terceira etapa foi realizada a exposição das temáticas abordadas no livro, permitindo a interação dos alunos com a história, colocando-os no centro da atividade de leitura, não somente porque leem, mas também porque conseguem transcender os limites de agir como meros receptores. Houve, ainda, a exibição do curta-metragem “Vida Maria” (2006), de Márcio Ramos, já que ele tem temas afins com o livro “Mundo de Mundim” (2013).

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Para a fixação do que foi exposto na aula, solicitou-se que os alunos escrevessem o que entenderam tanto do livro como do curta-metragem. Posteriormente, todos os textos produzidos foram lidos, pelas acadêmicas do projeto, que tiveram o cuidado de destacar os pontos que não estavam de acordo com a norma-padrão da língua escrita. Por meio da correção foi perceptível uso de variantes informais de maneira inadequada ou a transcrição de palavras feitas da mesma forma que a produzida no discurso oral, como por exemplo, “tá”, “aí”, “né”.

Diante do exposto, fez-se necessário, mesmo que de forma não programada, uma breve abordagem de questões voltadas para a adequação linguística. Na qual enfatizou-se que não é errado usar expressões como as encontradas em seus textos, contudo, dependendo do lugar e do momento as variações poderiam ou não ser utilizadas.

Posteriormente, com o propósito de colocar os alunos na posição de autores e, também proporcionar um momento de apropriação e desenvolvimento de saberes adquiridos, eles foram orientados a escrever seus próprios cordéis, o que podia ocorrer tanto de forma individual, como em dupla ou trio. Todos tiveram a liberdade de escolher a temática de sua preferência, sendo essa a quinta etapa. Como mostra os exemplos a seguir:

**Exemplo 1:** texto de aluna do 7º ano.

Na cidade de Imperatriz, / Aconteceu uma calamidade, / Com a chuva que veio alagou a cidade.

Casas alagadas, / Ruas cheias de água, / Naquela noite a cidade ficou abalada. / No dia seguinte, / Foram ver os estragos, / Pois muitos bairros ficaram alagados.

O pouco que tinham, / Tudo perderam. / Ficaram dependendo da ajuda do governo

Vai demorar um tempo, / Para tudo recuperar. / Mas todos tinham certeza / que, com a solidariedade do povo podia contar.

Com isso entendemos, / Que não controlamos a natureza. / Por isso devemos cuidar dela, / Para que não aconteça outra tristeza.

**Exemplo 2:** Texto de alunos do 9º ano.

Eu coloco gel na frente, / Pulo e jogo granada, / Puxo M1014 e dou uma rushada.

Eu estou dentro da casa, / Pego uma panela, “rusho” de spas 12 e me defendo com ela.

Eu tava de MP90 i meti um rushadão / E o cara veio e me deu um socão.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Cai em Bimasaki / e peguei a Scar, / Matei o cara de HS e depo- /  
is dancei sem parar.

**Exemplo 3:** cordel de alunos do 9º ano.

O cordel é uma arte invejada da cultura popular, / Com rimas e histórias pra você se encantar.

Uma arte engraçada, / Com rimas improvisadas / Pra você mesmo me desafiar.

Na rima improvisada, / Você aprende a conhecer o irmão, / A ter respeito e união.

No cordel você aprende / A disputar com o inimigo / E saber que sairá melhor no improviso.

No cordel você usa tudo ao seu favor, / Tanto faz animal, objeto ou até frases de amor, / Com o objetivo de agradar ao leitor/ Ou ao público que o cordelista se apresentou.

E agora no momento, / Eu acabo meu improviso, / Na alegria ou na tristeza, / O cordel sempre estará comigo.

Na posição de autor, foi solicitado do educando a busca por estratégias para adequação ao gênero proposto, bem como para alcançar o interlocutor. Assim, ao se analisar, percebe-se, primeiramente, que na maioria dos cordéis produzidos a essência principal para o embasamento da escrita foram as experiências dos alunos. Eles fazem referência ao acontecimento do alagamento da cidade, ao jogo que mais gostam e até mesmo ao conteúdo visto nas aulas do projeto. Além disso, seguem a estrutura comum dos cordéis, fazendo uso de rimas e utilizam uma linguagem própria de seu cotidiano.

Nesse contexto, ressalta-se que uma das dificuldades encontradas para a execução do trabalho foi a busca por estratégias que pudessem entender os benefícios do projeto para a vida escolar dos estudantes. Uma vez que a maioria dos projetos quando chegam ao final parecem perder todo o seu sentido, transformando-se em uma atividade passageira e sem consequências para o aprendizado dos alunos.

Portanto, a sexta etapa deu-se por meio da organização e revisão de todos os textos para a composição de um livro, no qual com o total de 145 alunos, foram produzidos 52 cordéis, 07 do 6º ano, 15 do 7º ano, 15 do 8º ano e 15 do 9º ano. Essa pequena quantidade se deve ao fato de os cordéis, em sua maioria terem sido produzidos por duplas ou trios. Constatou-se também que 16 trabalhos plagiados. Esses ficaram fora das coleções produzidas.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Figura 1: Exposição dos cordéis produzidos.



A última etapa foi a culminância do projeto, realizada na quadra poliesportiva da escola, que contou com a presença das quatro turmas reunidas, as professoras titulares e alguns profissionais da direção. Anteriormente, foi solicitado aos alunos que se sentiam à vontade para apresentarem suas poesias cordelísticas.

Figura 2: capa da coletânea produzida.



Figura 3: Alunos participantes do projeto.



Mesmo diante de adversidades, a maioria dos objetivos do projeto foi alcançada. Conseguiu-se a interação dos alunos com a literatura cordelista, fazendo-os entender qual o seu papel para a cultura brasileira. Entender ainda, como a oralidade é importante para o próprio conhecimento de sua língua. Consequentemente, percebendo que a modalidade oral e escrita é indispensável, merecendo o mesmo tratamento nas salas de aula, sendo ferramentas fundamentais para a construção de um ensino de língua mais democrático.

### **7. Considerações finais**

A proposta de realização do trabalho aqui exposto, inicialmente causou insegurança e apreensão, mas no desenvolvimento do processo toda a impressão inicial foi se dissipando. Assim, pode-se dizer que foi muito prazeroso participar do projeto, principalmente por presenciar o envolvimento ativo dos alunos e pelos resultados obtidos. Os alunos puderam participar, escrevendo, lendo, expondo, de forma espontânea. Eles mostraram que é possível aprender brincando; aprender de forma mais descontraída.

Diante de tudo o que foi exposto, fica claro que a língua sempre foi e sempre será um sistema heterogêneo, sofrendo alterações no decorrer do tempo. Além disso, foi mais uma vez visto que a oralidade é uma parte essencial para a manutenção nas relações humanas, sendo indispensável que o ambiente escolar, especificamente a disciplina de LP atenda a essa necessidade.

Na análise dos dados, percebeu-se a importância de se mostrar a relação entre fala e escrita. Constatou-se também que o trabalho com a oralidade pode auxiliar para uma escrita posterior, pois a partir do desenvolvimento oral os estudantes terão embasamento para compreender o ritmo, o léxico e até a entonação que determinados textos carecem para que sua mensagem seja completamente, entendida, como é o exemplo da literatura cordelista.

Outro fator relevante nesta pesquisa é que ao longo do projeto as atividades voltadas para o modo de falar fizeram com que os alunos se sentissem mais à vontade para participarem nas apresentações em público. Observou-se tal mudança, especialmente na culminância do projeto, na qual, de forma espontânea eles voluntariaram-se para lerem os seus cordéis.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Notou-se, durante as aulas, a participação nas discussões que envolviam a questão da adequação linguística. Desse modo, fazendo os alunos entenderem que as variedades encontradas na língua devem ser valorizadas e que existem meios e formas de se usar a língua escrita e os contextos adequados e inadequados de uso de variedades da oralidade; da língua falada.

Por fim, espera-se que este trabalho contribua para reforçar a compreensão da importância da oralidade para e na construção de um conhecimento mais efetivo língua materna, pelos alunos e pela comunidade escolar, em geral. Que entenda, cada vez mais que fala e escrita não são pares concorrentes, mas formas contínuas de um sistema muito maior e incomparável, como é o da língua.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEGRI, N. M. *A poesia trovadoresca e suas relações com a literatura de Cordel e a música contemporânea*. Disponível em: <http://www.diaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/810-4.pdf> Acesso em: 06 jul. 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: Secretaria da Educação Fundamental, 1997. Disponível em: [portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf) Acesso em 16 out. 2017.

DINIZ, L. *depoimento [jun. 2018]*. Entrevistadora: FARIAS, Ana Carolina Freitas de. Imperatriz: WhtsApp, 2018. Áudio (01:06 min/s). Entrevista concedida para a produção do artigo.

EVARISTO, M. C. O cordel em sala de aula. In: BRANDÃO, H. N. (coord.). *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 119-85.

HAURÉLIO, M. *Breve história da Literatura de Cordel*. São Paulo: Claridade, 2010.

MARCUSCHI, L. A., DIONÍSIO, A. P. (Org.). *Fala e escrita*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividade de retextualização*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

REALE, G; ANTISERI, D. *História da filosofia: do romantismo até nos-*

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

100 anos. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1991.

RODRIGUES, R. H.; CERUTTI-RIZZATTI, M. E. *Linguística aplicada: ensino de língua materna*. Florianópolis: LLV/ CCE/UFSC, 2011.

SILVA, F. R. da; CARNEIRO, S. N. V. *A Literatura de Cordel e sua Contribuição para o Ensino de Língua Portuguesa, no Ensino Fundamental II*. Disponível em: <http://publicacoesacademicas.fcrs.edu.br/index.php/eedic/article/view/916> Acesso em: 06 jul. 2018.